

AS CONJUNÇÕES E A CONSTRUÇÃO DA SIGNIFICAÇÃO DO ENUNCIADO

Waldemar Duarte de Alencar Neto (UFPI)
walneto@hotmail.com

Introdução

O objetivo deste trabalho é investigar o papel enunciativo das conjunções, especialmente da marca *pois*, observando de que forma esta marca participa do processo de construção da significação dos enunciados. Para isso, buscamos compreender as operações subjacentes ao uso dessa marca.

Esta pesquisa se apoia na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (T.O.P.E.), do linguista A. Culioli, e está focada na articulação de valores e no processo de construção da representação das marcas na linguagem. Essa proposta enunciativa busca evidenciar a questão da significação dos enunciados, tomando como ponto de partida a sua construção e reconstrução. Essa análise é possível a partir da manipulação de enunciados por meio de glosas linguísticas.

Os enunciados analisados foram extraídos de gramáticas, como a de Cunha e Cintra (1985), e também do banco de dados do Projeto *Aspectos Gramaticais do Português Falado por Teresinenses - PORFATER*, um *corpus* para pesquisa linguística constituído de uma amostra da fala de teresinenses e desenvolvido pelo Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Nos enunciados selecionados, estabelecemos relações entre as noções presentes no esquema de *lexis*; identificamos, no nível enunciativo, as operações; e analisamos o domínio de forças existentes entre as noções, a fim de atingirmos nosso objetivo. Mostramos nas análises, parte desse percurso, bem como seus resultados e suas implicações, haja vista a impossibilidade de trazer para este trabalho todas as etapas de constituição do enunciado analisadas detalhadamente.

Com fundamento na T.O.P.E., consideramos que o valor do *pois* é construído a partir das noções a que está relacionado. Então, segundo o que postula essa teoria, o valor atribuído a uma expressão linguística não é fixo, estável, como nas gramáticas tradicionais, mas sim construído no enunciado.

Este artigo está estruturado da seguinte maneira: na primeira seção, apresentamos uma visão geral das conjunções segundo a gramática tradicional, mais especificamente a normativa; na segunda seção, traçamos algumas considerações sobre o quadro teórico enunciativo de A. Culioli; e na última seção, analisamos e discutimos os enunciados, tendo em vista o nosso propósito.

1. As conjunções na perspectiva gramatical

As conjunções, no geral, são definidas como expressões que ligam orações ou palavras com mesma função dentro da mesma oração. Na gramática tradicional, pretende-se, segundo Oliveira (2002), que as conjunções tenham propriedades semânticas inerentes, que transmitiriam aos enunciados. Nesse contexto, a classificação das orações nas abordagens gramaticais é condicionada pela interpretação das conjunções ou pela relação de dependência sintática entre seus termos.

Nesse sentido, a conjunção *pois* é classificada como:

- coordenativa conclusiva “que serve para ligar à anterior uma oração que exprime conclusão, consequência”, ao lado de *logo, portanto, por conseguinte, por isso, assim*;
- coordenativa explicativa, “que ligam duas orações, a segunda das quais justifica a ideia contida na primeira”, ao lado de *que, porque, porquanto*; e
- subordinativa causal, que “iniciam uma oração subordinada denotadora de causa”. (cf. CUNHA e CINTRA, 1985, p. 572).

Considerando a presença da conjunção na oração que integra um período composto, temos a seguinte classificação das orações (que acontece, de um modo geral, com base em critérios sintáticos):

- se as orações são autônomas, ditas independentes estruturalmente são chamadas coordenadas;
- se a oração, segundo Cunha e Cintra (1985, p. 579), “contém a declaração ‘principal’ do período, rege-se por si, e não desempenha nenhuma função sintática em outra oração do período”, é definida como oração principal; e
- se as orações funcionam como termos (essenciais, integrantes ou acessórios) de outra oração são chamadas subordinadas e classificam-se em substantivas, adjetivas e adverbiais, “porque as funções que desempenham são comparáveis às exercidas por substantivos, adjetivos e advérbios”. (cf. CUNHA E CINTRA, 1985, p. 584)

Observando essa classificação e relacionando-a ao conceito de conjunção, vemos que, para a norma gramatical, a descrição do período composto surge no ponto em que se cruzam a constituição sintática da oração e as propriedades semânticas das conjunções. Dessa forma, a classificação das orações é condicionada pela interpretação das conjunções, ou seja, estas possuem propriedades semânticas inerentes que serão transmitidas aos enunciados.

Oliveira (2002) observa que essa é uma posição ultrapassada pelas atuais tendências dos estudos linguísticos, insurgindo-se vários autores contra ela. Dentre estes autores, está Culioli (1985) ao afirmar que todos os termos são marcadores de operações abstratas subjacentes. Sua teoria postula que nos marcadores linguísticos existem valores invariantes e que esses valores sofrem ajustamentos, conforme a significação que é construída em cada enunciado.

2. A Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas: algumas considerações

No quadro teórico de A. Culioli, a enunciação não é concebida como um ato de apropriação da língua pelo sujeito, como em Benveniste, mas como um processo de construção do qual um enunciado seria o resultado, um arranjo de marcas a partir do qual se organiza um efeito significante. (cf. VOGUÉ, [1992] 2011, p. 59)

A T.O.P.E. tem o enunciado, texto material dependente das línguas, como objeto de análise. A partir da análise do enunciado, que é imediatamente observável, se buscam operações que resultam na construção desse determinado enunciado. Assim, o enunciado é visto como o resultado de um conjunto de operações.

O que sustenta a construção da significação é a capacidade que os indivíduos têm de representar, referenciar e regular, e são essas capacidades (resultantes da atividade de linguagem), que vão lhe permitir construir e reconhecer formas por meio dos agenciamentos de marcadores em sua língua.

Na T.O.P.E., como já dissemos, o enunciado é o resultado de uma série de operações efetuadas pelos enunciadores. Estas operações são anexadas ao longo de três momentos básicos:

a escolha de uma *lexis*, a ordenação da *lexis* e o momento da integração do sujeito enunciator no enunciado através das operações de determinação modal, temporal, aspectual e de graus de determinação dos argumentos por meio de operações quantitativa e qualitativa. (LIMA, 1997, p. 15)

A *lexis* é um esquema primitivo subjacente a todo ato de linguagem e que permite a passagem do extralinguístico (mundo) para o linguístico (língua). Essa relação primitiva consiste numa relação que estabelece um sentido entre as noções. As ocorrências (passagem a uma materialidade) permitem a constituição de domínios nocionais, que é a realização particular de uma noção. Segundo Valentim (1998),

para cada indivíduo, a noção forma-se através da sua experiência com o mundo. É pelo contato que vai tendo, direta e indiretamente, com ocorrências fenomenais de um objeto ou de um estado de coisas que o indivíduo constroi uma representação cognitiva que é a sua noção desse objeto ou desse estado de coisas. (VALENTIM, 1998, p. 36)

A relação predicativa corresponde à hierarquização do conteúdo da *lexis*, no intuito de indicar um elemento em torno do qual o enunciado se organiza. A relação enunciativa consolida a passagem de um pré-enunciado para um enunciado, sendo que essa consolidação se dá por meio das operações de qualificação (levando-se em conta que as noções são predicáveis) e quantificação (que pode ocorrer de um lado, por extração e flechagem, e de outro, por varredura) e da aplicação das categorias de tempo, aspecto e modalidade. (cf. LIMA, 1997, p.30)

A análise dos valores das marcas no quadro enunciativo de Culioli está relacionada às operações que resultam na construção do enunciado. Através das operações buscamos as invariantes que permitem que as conjunções assumam um ou outro valor. A manipulação dos enunciados, por meio de paráfrases, ajuda na busca dessas invariantes responsáveis pelos valores.

Associar, portanto, um valor a uma unidade significa, nas palavras de Franckel ([1998] 2011, p. 51), “projetar sobre essa unidade o resultado de uma outra interação na qual ela é suscetível de ser posta em jogo, bem como lhe atribuir componentes interpretativos da sequência particular na qual é apreendida”.

Essa unidade, para esse autor, é definida não mais por um conteúdo preestabelecido, mas por propriedades passíveis de serem apreendidas pelo papel específico que ela apresenta nos diferentes tipos de interação nas quais ela entra, não sendo esse papel visto como um sentido próprio da unidade. (FRANCKEL, [1998] 2011, p. 51)

3. Análise e discussão dos enunciados

Para observarmos de que forma a marca *pois* participa do processo de construção dos enunciados é preciso buscar compreender as operações e os mecanismos de construção enunciativa subjacentes ao uso dessa marca, visto que o enunciado é o resultado de um conjunto de operações.

Nesse percurso de busca dessas operações, passamos, segundo Culioli, por todo um trabalho de relações: desde as relações entre representações nocionais, recuperando o

Em (2a), podemos pensar na seguinte localização nocional: houve A, porque houve B. O enunciador privilegiou uma construção em que B, determinante, é a causa que levou ao resultado B, que mais se aproxima de uma constatação por parte do sujeito enunciado, ou seja, por não querer revelar nada, Tio Couto se mostrou sombrio. O valor modal assertivo negativo acentua a causalidade enunciativa.

Considerando a noção temporal entre os termos, B é localizado, em (2a), como anterior em relação a A. O termo B, na condição de elemento causal, fornece o quadro nocional para a validação do quadro nocional de A.

Em (2b), já temos uma construção em que A é o termo determinante e B, o determinado, ou seja, por estar sombrio, Tio Couto não quis revelar nada. A relação de consequência é possível porque as propriedades da noção “estar sombrio” estão, de alguma forma, presentes na noção “não revelar nada”.

Em (2c), podemos pensar na seguinte relação: A leva naturalmente a B, isto é, B é localizado em relação a A. Temos o estabelecimento de uma relação assimétrica de impulso, onde A impulsiona B, como lembra Culioli (1990, p. 175). Nesse esquema se evidencia, como observa este autor, a relação de antecedente a consequente do termo no sentido inferencial, isto é, de se chegar a um resultado a partir de um juízo anterior.

No quadro nocional, é possível observar em “esconder algo” propriedades que estão relacionadas à noção “sombrio” (quando pensamos, por exemplo, que o fato de alguém se mostrar sombrio é sinal de que está escondendo algo). A operação de inferência é caracterizada, portanto, segundo Culioli (1990, p. 175), por uma dupla relação, ou seja, por uma relação de consecução e por uma relação de concomitância.

Podemos ter ainda:

(2d) Tio Couto estava sombrio. Aparecera um investigador da polícia perguntando por Gervásio. (Ausência da marca)

Na ausência da marca a causalidade enunciativa perde a força, visto que sem a presença da marca é possível direcionar para outras construções.

(2e) Aparecera um investigador da polícia perguntando por Gervásio, **pois** Tio Couto estava sombrio. (Reversibilidade)

Na reversibilidade, temos outro valor distinto do enunciado (2). O quadro nocional de A é apresentado como a causa do quadro nocional de B (efeito), ou seja, o *pois* utiliza o quadro nocional de A “Aparecera um investigador da polícia perguntando por Gervásio” para localizar B “Tio couto estar sombrio”.

Em outro enunciado, temos:

(3) Eu não tenho nada contra [a religião de cada um] **pois** cada qual tem seu direito.³

A

B

Nesse enunciado, o termo “direito” é situado quantitativa e qualitativamente. Temos um “direito” que é localizado em relação a “cada qual”, permitindo ao sujeito enunciador a construção “cada qual tem seu direito”. Esse valor assertivo positivo valida uma informação e permite ao enunciador a construção de um valor assertivo negativo em A.

³ Extraído do *corpus* para pesquisa linguística PORFATER (Português falado por estudantes teresinenses).

Há uma identificação da noção “religião” em relação às propriedades da noção “direito”, por isso podemos pensar “cada qual tem sua religião” e “cada qual tem esse direito de ter religião”. Essa relação entre as noções permitem a construção “Eu não ter nada contra”, já que a religião é um direito e cada qual tem seu direito.

A partir da força existente entre as noções “nada contra (religião)” e “direito”, a marca *pois* aciona operações que permitem ao enunciador abrir um novo caminho, o argumento B, tornando viável as operações de força entre os domínios de esquerda e direita.

O jogo de forças entre os domínios com a presença da marca *pois* resulta numa informação que é tida como a causa. A negativa no domínio da esquerda impulsiona para a abertura do argumento B, onde há uma propriedade (direito) que pertence ao interior do domínio da noção-tipo “religião” (ser direito). Da mesma forma que essa propriedade está relacionada também à noção que representa o agente no argumento anterior “eu” (ter direito).

O valor modal assertivo negativo presente no domínio da esquerda acentua essa relação causal, isto é, a marca *pois* instaura essa relação a partir da asserção negativa, que atribui ao domínio da direita o valor de explicação, de manifestação de um posicionamento (“Eu não ter nada contra”) apresentado no domínio anterior.

Considerações finais

Neste trabalho, buscamos compreender o papel da marca *pois* no processo de construção da significação, a partir da identificação das operações acionadas por esta marca e de sua relação com os demais elementos do enunciado, considerando, para isso, as categorias presentes na relação enunciativa, como, por exemplo, modalidade, aspecto e determinação.

Em busca dessas operações subjacentes ao uso da marca *pois*, partimos da relação primitiva em direção à relação enunciativa, mostradas aqui de forma sintetizada. A construção do enunciado passa por esses momentos básicos e foi na análise de cada momento (quando identificamos as noções presentes no esquema de *lexis*, estabelecemos relações entre essas *lexis*, identificamos as operações no nível enunciativo) que nos foi possível compreender o papel da marca nessa construção.

No nível enunciativo, foi possível analisar as categorias de modalidade, tempo, e de determinação em alguns termos e suas implicações na construção do enunciado. A análise dessas categorias ajudou a entender o uso da marca em estudo no enunciado e como, por exemplo, a escolha de um valor modal, contribuiu para a construção da significação.

Nas análises dos enunciados, foi possível observar que a marca *pois* tem a natureza de acionar operações de localização. É nesse momento que as propriedades de A e B (como chamamos os termos à esquerda e à direita da marca), no enunciado, são colocadas em jogo. Assim, um enunciado não pode ser classificado em causal, explicativo ou conclusivo, pela simples presença dessa conjunção ou pela sua posição no enunciado, é necessário relacionar a marca às noções presentes nos termos da esquerda e da direita.

A questão das propriedades dos termos (colocadas em jogo no momento da operação de orientação) envolvidos na construção do enunciado está relacionada com o processo de continuidade que vai constituir o domínio nocional da relação de causalidade.

Acreditamos que as reflexões sobre o papel enunciativo das marcas linguísticas tragam contribuições no sentido de dar uma outra visão ao estudo das conjunções. Consideramos, então, uma perspectiva que defende a existência de operações subjacentes ao uso das marcas cujos valores são construídos, reiterando, no enunciado.

Referências bibliográficas

CULIOLI, A. **Notes du Seminaire de D.E.A.** Université de Paris 7. Departement de recherches linguistiques, Poitiers, 1985.

_____. **Pour une linguistique de l'énonciation.** Opérations et représentations. Tome 1. Paris: Ophrys, 1990.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luis Felipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FRANCKEL, Jean-Jacques. Referência, referenciação e valores referenciais. *In*: ROMERO, Márcia; BIASOTTO-HOLMO, Milenne; *et al.* (Org. e Trad.). **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação.** São Paulo: Contexto, 2011. pp. 31-55.

FRANCKEL, Jean-Jacques; PAILLARD, Denis. Aspectos da teoria de Antoine Culioli. *In*: ROMERO, Márcia; BIASOTTO-HOLMO, Milenne; *et al.* (Org. e Trad.). **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação.** São Paulo: Contexto, 2011. pp. 87-101.

LIMA, Maria Auxiliadora F. **O artigo no processo de construção referencial:** operações de determinação e indeterminação. Tese de Doutorado. UNESP - Araraquara, 1997.

LIMA, Maria Auxiliadora Ferreira; SERRA, Maria Anecy Calland Marques (Orgs.). **Português falado por estudantes teresinenses.** Vol. 1 (*Corpus* para análise linguística). Teresina: EDUFPI, 2010.

OLIVEIRA, Teresa. Para uma nova abordagem do ensino da frase complexa. *In*: A.G. Barros & J.O.S. Ribeiro (coord.). **Globalização e Desenvolvimento Profissional do Professor.** Lisboa: CIED / ESELx, 461-474, 2002.

REZENDE, Letícia Marcondes. Atividade epilinguística e o ensino de língua portuguesa. **Revista do GEL**, v. 05, n. 1, S. J. do Rio Preto, pp. 95-108, 2008.

VALETIM, Helena Topa. **Predicação de existência e operações enunciativas.** Lisboa: Colibri, 1998.

VOGUÉ, Sarah. Culioli após Benveniste: enunciação, linguagem, integração. *In*: ROMERO, Márcia; BIASOTTO-HOLMO, Milenne; *et al.* (Org. e Trad.). **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação.** São Paulo: Contexto, 2011. pp. 57-85.